

## Mulheres em luta

---

Ao tempo em que o movimento antiguerra dos EUA silencia seu protesto em deferência ao presidente Obama, chega a público este demolidor ataque aos mitos por um grupo de feministas, a maioria estadunidense, que inclui críticas tão baliçadas quanto Angela Davis, Zillah Eisenstein, Leslie Cagan e Cynthia Enloe. O livro é resultado de uma conferência realizada, em 2006, na Universidade de Siracusa, Nova York, organizada pelo Departamento de Estudos Femininos e de Gênero com o objetivo expresso de confrontar a afirmação do governo Bush de estar libertando as mulheres com suas intervenções no Iraque e no Afeganistão. Apesar da recente mudança de governo, a crítica subjacente no livro ainda continua perti-

nente e se aplica a muitos países, além dos Estados Unidos.

A principal premissa é que a guerra e a militarização permeiam o cotidiano de homens e mulheres, promovem identidades de gênero que apóiam o poder, afetam profundamente as vidas de civis, especialmente mulheres e crianças em países devastados pela guerra, aumentam a violência sexual e racial e servem como pretexto para restringir as liberdades civis.

O livro está organizado em quatro seções: “Geopolítica Feminista da Guerra”, “Feministas Mobilizando Críticas à Guerra”, “Lutas Femininas e as Guerras no Iraque e Afeganistão” e “Feministas se Organizando Contra o Imperialismo e a Guerra”. A presente resenha irá

---

**Rosemary Galli:** Doutora em Relações Internacionais pela London School of Economics and Political Science e membro da Rede Feminina de Justiça e Paz de Oxford.

destacar alguns tópicos em cada seção.<sup>1</sup>

Angela Davis abre a primeira seção definindo o feminismo como imaginação de um mundo diferente, no qual não haveria mais guerra, tortura e persistente militarismo, nem escravidão, desigualdade e capitalismo. O que também implica o exame de conceitos e ferramentas usadas pelas feministas para construir esse novo mundo. Isto envolve fazer análises interdisciplinares, estabelecer conexões e explorar contradições. Significa o diálogo de intelectuais com ativistas e vice-versa. As feministas precisam rever o vocabulário adotado por elas e pelos outros, tal como a palavra “democracia” e o processo mediante o qual ela se transforma em uma justificativa para a tortura (p.25).

Zillah Eisenstein reflete sobre a face feminina da “Guerra ao Terror”, isto é, a presença feminina nas forças armadas, no governo e em atentados suicidas. A militarização redefina o masculino e o feminino. Apesar de as mulheres corresponderem a 18% dos novos alistamentos no exército dos EUA, 17% dos recrutas da marinha e 23% da força aérea, “a guerra é um processo pelo qual a masculinidade é ao mesmo

tempo produzida e reproduzida” (p.35). Ela promove argumentos essencialistas: homens matam, mulheres são pacíficas. O estupro é uma figura de guerra que acontece tanto com homens quanto com mulheres; ele feminiza os homens. Recrutas mulheres são freqüentemente esturpadas por seus colegas homens. Ambos os casos significam o estupro como política. “Os corpos das mulheres tornam-se representações universalizadas da conquista, enquanto os corpos masculinos são tanto masculinizados na vitória quanto feminizados na derrota” (p.39). Mulheres terroristas suicidas desafiam estes estereótipos; elas negam o tradicional essencialismo de gênero. Eisenstein apela às mulheres estadunidenses para que não se deixem usar na apresentação de uma face mais gentil e meiga do capitalismo militarista global (p.44).

A feminista africana Patrícia McFadden faz um apelo semelhante. Ela acredita que as colegas estadunidenses não devem deixar-se envolver por um discurso nacionalista que promete “resgatar pobres e incapazes” vítimas em nome dos valores liberais e da democracia. As feministas estadunidenses devem entender e se identificar com

a resistência na base a esse projeto imperial.

Na segunda seção, Elizabeth Philipose comenta o papel da lei internacional e detecta suas falhas em termos de garantir relações pacíficas entre Estados e povos. Ela é essencialmente uma ferramenta colonialista baseada na dicotomia entre civilizados e não-civilizados. Os descolonizados abriram mão do seu direito à autodeterminação ao aceitar ser como europeus. De acordo com Philipose, isto significa abrir mão da sua singularidade e identidade em troca de uma aliança com a Europa e os EUA (p.106 e 107). A lei internacional legitima o uso da violência e da guerra contra os não-civilizados.

Sem uma descolonização ativa dos pressupostos fundantes do direito internacional, sua implementação reproduzirá os esforços coloniais de civilizar aqueles considerados atrasados e incorporá-los em uma versão culturalmente específica da modernidade, ainda que como seres inferiores (p.113).

Nadine Sinno observa o esforço de desconstrução de uma mulher iraquiana através do blog Riverbend.com. Riverbend detona o uso do termo terrorista, mostrando exemplos dos chamados “terroris-

tas” de 10 e 11 anos de idade mortos nas incursões das tropas estadunidenses em residências iraquianas. Ela mostra como essas incursões e outros abusos de poder geraram terroristas, bem como espalham terror entre populações civis. A “libertação” de mulheres e homens iraquianos alardeada pelos EUA é uma libertação de empregos, casas, família, amigos e de tudo mais que constitui uma vida estável. O blog lamenta “o status pós-invasão das mulheres iraquianas que, na verdade, perderam muitos dos seus direitos, como resultado da invasão, e a conseqüente propagação do fundamentalismo” (p.139).

Shanaz Khan fala do feminismo colonial que envolve “uma construção discursiva das mulheres do Terceiro Mundo”, enfatizando a miséria e a opressão em contraste com as liberdades da cultura ocidental e culminando em um desejo de resgatar as mulheres afegãs (p.161). Khan contrasta este discurso com a batalha das próprias mulheres afegãs por direitos iguais desde 1900.

A terceira seção enfoca a luta feminista organizada. Judy Rohrer destaca três importantes grupos de ação direta: *Code Pink* (Código Rosa), *Women in Black* (WIB, Mu-

lheres de Negro) e *Raging Grannies* (Vovós Raivosas). A ação direta é uma tática de distúrbio público e confrontação (p.225). Rohrer distingue as ações masculinas das femininas: as feministas usam ironia, humanização, humildade e vulnerabilidade em contraste com a mais pomposa e agressiva organização antibélica masculina. Um bom exemplo ocorreu no dia 4 de abril de 2009 quando o *Black Block* (Bloco Negro)<sup>2</sup> prejudicou as demonstrações contra a guerra e a OTAN, em Estrasburgo. O acontecimento contrastou fortemente com as vigílias e os seminários realizados nesta mesma semana pelas quarenta representantes da WIB e da *Women's International League for Justice and Peace* (Liga Internacional Feminina de Justiça e Paz).

Melanie Kay/Kantrowitz delinea as organizações feministas em Israel que lutam contra o militarismo e em prol dos direitos dos palestinos. Ela nota que Israel constitui o único Estado-nação em que o recrutamento de mulheres é obrigatório, sendo o assédio sexual notório em suas Forças Armadas. A organização *New Profile* (Novo Perfil) apoia jovens de ambos os sexos que se recusam abertamente a servir, "crime"

pelo qual seus membros têm sido investigados e presos desde setembro de 2008. A WIB de Israel é composta por membros tanto israelenses quanto palestinos.

Na última seção, Cynthia Enloe ressalta o empenho dos militares na doutrinação de mães e outras pessoas que exercem influência junto aos jovens. A autora observa como o militar joga com os estereótipos de "mãe zelosa" e "filhos viris", ou seja, como cria feminilidades e masculinidades. Para Enloe, as mulheres estadunidenses podem aprender com os grupos feministas ao redor do mundo como criar identidades alternativas, visões de futuro e estratégias. Leslie Cagans concorda e enfatiza a necessidade de organizar transnacionalmente o movimento para que este possa avançar.

Ao ler esse desafiador volume de ensaios, os agentes do desenvolvimento começarão a questionar se o "desenvolvimentismo" em sua pior forma também não rouba a identidade e autodeterminação das pessoas, na medida em que busca libertá-las trazendo soluções de fora para problemas locais. Começarão a ver a pobreza como outra forma de violência e a questionar a quem

ROSEMARY GALLI

de fato beneficia. Reconhecerão o significado das idéias e das organizações feministas e a necessidade, acima de tudo, de libertarem a si próprios dos estereótipos.

---

**Nota:** ROBIN L. Riley et al. (Eds.). **Feminism and war:** confronting US imperialism. London and New York: Zed Press, 2008.

---

<sup>1</sup>Versão em inglês publicada na revista **Development in Practice**, Volume 19, Issue 7, p. 950-952.

<sup>2</sup>**Nota do Tradutor:** *Black Block* é um grupo de ação direta violenta que costuma estar presente em manifestações antiglobalização e se notabiliza por buscar a confrontação direta com a polícia.

---

Traduzido do inglês por Clayton M. Cunha Filho